



ABSTRACT While female nudity is widespread in Brazilian society, the male penis representations are still a subject of taboo and secrecy. Drawing back on Brazilian psychoanalyst Angelo Gaiarsa's criticism on male sexuality, this paper scrutinizes the burden of the symbolic absence of the penis in a set of daily situations, ranging from a documentary film on the lifestyle of the Kamaiura tribe held by Globo TV network, to a workshop on body language and perception.

LÉO RUAS



ONDE ESTÁ O PÊNIS?

MARCOS HILL

Professor Adjunto da Escola de Belas Artes/Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Apagamento digital

Há algum tempo, a Rede Globo divulgou um documentário sobre o primeiro contato de jovens universitários brasileiros, moradores de grandes centros urbanos, com uma aldeia indígena da cultura Kamaiurá, localizada no Parque Nacional do Alto Xingu. A produção da emissora rastreou esses jovens, reuniu-os e conduziu-os, rapazes e moças, até a aldeia indígena escolhida, em ritmo de aventura. Lá chegando, jovens e produção estabeleceram uma convivência que durou alguns dias.

O documentário foi transformado em episódios emitidos semanalmente pelo programa Fantástico. No último, levado ao ar no dia 25 de setembro de 2011, o enfoque dado a essa experiência atraiu interesse garantido, enfatizando um convívio amável, repleto de momentos curiosos, nos quais costumes indígenas foram ressaltados por um certo viés exótico: homens e mulheres brancos esforçando-se para acompanhar o dia-a-dia da comunidade visitada, explicitando grande admiração por tudo.

Considerando o cunho humanitário sugerido e a ênfase em inclusões étnicas atualmente vigente em discussões políticas circulantes, a iniciativa foi um sucesso, transformando a diferença cultural em glamurosa experiência do diferente. No final, os depoimentos de todos os jovens urbanos foram sinceramente emocionados, como testemunhos de um valoroso aprendizado.



O que não passou despercebido foi o modo como a Rede Globo veiculou alguns corpos indígenas, absorvidos por inúmeras câmeras digitais de plantão. Diante de uma cultura na qual a nudez ainda é parte intrínseca dos costumes, causou surpresa a presença de dispositivos eletrônicos que, no momento da edição do material colhido, apagaram a genitália masculina visível em momentos de simples espontaneidade, durante atividades corriqueiras.

Corpos de homens indígenas foram apresentados com seus pênis censurados, não importando o momento ou a ação. Este procedimento oferece uma rica oportunidade para se avaliar como nossa sociedade “branca” e ocidentalizada define lugares para os corpos e suas partes no âmbito do discurso comunicacional.

Observando-se a atitude de evidente censura, poder-se-ia especular sobre o que exatamente a teria motivado. Se uma cultura escolhida como assunto não pode ser mostrada aos telespectadores brasileiros tal qual ela é, na sua mais íntegra corporeidade, que tipo de interesse teria mobilizado a Rede Globo, na eleição dessa comunidade e na construção dessa proposta de aproximação entre cultura urbana e cultura indígena? Que tipo de especulação emerge desse apagamento inserido de forma quase subliminal na sequência de imagens veiculadas?

Daria para imaginar como os próprios indígenas devem ter recebido a visão de seus corpos “interditados”, ao assistirem ao Fantástico daquele domingo? Que tipo de impacto a eliminação do pênis pode ter causado naquela comunidade, desconsiderada na sua própria integridade cultural?

A devolução dessas imagens dos indígenas a eles próprios parece bastante problemática, considerando a recepção de imagens determinadas por uma cultura que somente aceita a cultura do outro sob determinadas condições. Que valores, usualmente defendidos pela sociedade urbana, estariam em jogo, impondo a todos, indígenas e urbanos, espectadores do Fantástico, deliberadas alienações na divulgação dos corpos?

Nesse caso, a necessidade de se censurar partes isoladas do corpo masculino contrapõe-se à excessiva permissividade na exposição do corpo feminino, “objeto” utilizado para vender qualquer coisa na mídia corrente. A banalização operada pela publicidade massiva, que invade todos os canais de comunicação, é um comprovante inegável desse abuso.

Que ideologias estariam empenhadas em determinar o que se deve e o que não se deve enxergar nos corpos, quando e onde? Existe aqui um impasse estimulante para o reconhecimento de dispositivos que, em nome de sabe-se lá quais valores, alimentam veiculações distorcidas da sexualidade e da corporeidade hoje vivenciadas pela massa que consome a informação midiaticizada. Sabe-se, de longa data, que a censura do corpo é ferramenta poderosíssima para a disseminação da ignorância afetiva, política e social.

Diante de uma cultura na qual a nudez ainda é parte intrínseca dos costumes, causou surpresa a presença de dispositivos eletrônicos que, na edição, apagaram a genitália masculina visível em momentos de simples espontaneidade

O que é o pênis?

No final dos anos 1980, José Angelo Gaiarsa (1989) publicou um pequeno livro, explicitando, de modo intempestivo, a velha – mas permanente – problemática do pênis na sociedade brasileira. Nesse livro, o psicanalista paulistano chega a afirmar que “todos os seus infelizes proprietários têm que aprender a fazer de conta que ele não existe.” (p. 11). Desenvolvendo sua crítica de modo incisivo, o terapeuta denuncia o condicionamento precoce ao qual a criança é submetida, no sentido de incorporar a ideia de que a ninguém é permitido ter “pinto ou xoxota”:

A das mulheres tem melhor fama – pelo menos quanto a ser vista ou mostrada. Aliás, para vê-la *mesmo*, só em posição ginecológica – e com bastante luz. Por isso ela mostra mais. Porque não aparece. Mas nós – como disfarçar? Como fazer cara de

quem não tem aquilo quando é mais do que sabido – por todos – que aquilo está lá...
(Ibid., p. 12).

Localizando o início da perseguição no nível linguístico (fundamento da personalidade moderna, letrada), o autor avança, reconhecendo esse “tabu” como uma comédia dramática para o sentir. Mais citado como palavrão, usado para ofender e agredir, o pênis acaba sendo destituído da felicidade que só ele pode dar.

Gaiarsa (Ibid., p. 17) insiste que a negação do pinto é, hoje e sempre, fanática:

Há poucas décadas veio se introduzindo sorrateiramente – sempre disfarçado – o termo *pênis*, tão asséptico (bem desinfetado, para quem não conhece a palavra); e tão ascético (aquele que mortifica a carne) quanto sua excelentíssima esposa, a vagina, consagrada em *Claudia*, e aceita – enfim! – pela família brasileira, para eterna glória da Editora Abril.

Submetida ao fingimento e à hipocrisia como obrigações sociais das mais importantes, a criança negada cresce como adulto renegado. Tal condicionamento dificulta a compreensão de um órgão cuja função primária é acariciar: “Sendo acariciado e acariciando é que o anônimo cumpre sua função, aliás divina: reprodução.” (Ibid., p. 17).

Tudo indica que as culturas indígenas têm uma consciência muito maior disso. Na construção do seu pensamento baseado numa lei fundamental das emoções, Gaiarsa (Ibid., p. 17) mostra-nos que o pênis censurado gera frustração, por sua vez, gerando agressão: “eis o carinhoso instrumento da reprodução transformado em arma de ataque – de defesa – ou instrumento de tortura.”

A total e completa falta de educação sexual agrega ainda outras “maldições”, garantindo o surgimento do “machão” transformado somente em pinto, sempre duro, sempre se afirmando teimosamente – agressivamente. Não podendo mostrá-lo, ele (machão) se fez ele (pinto) – mostrando-se sempre:

Como se mede o machão? Pelo comprimento do pinto, multiplicado pelo seu diâmetro, multiplicado depois pelo tempo que ele permanece duro, multiplicado, enfim pelo número de vezes que ele chega ao amargo fim (o orgasmo é a morte do desejo – é um desmancha-prazeres -, você não acha?). (Ibid., p. 19-20).

Considerando um milagre o fato de ainda existirem pessoas ou ocasiões em que o ato se faça de modo amoroso, com ternura e encantamento, o terapeuta ressalta o quão levanamente todos usamos a palavra preconceito, como se isto fosse uma tolice pueril. Para ele, “os preconceitos são verdadeiros ‘tapa-olhos’ [...], que só nos

permitem ver em uma direção. O resto é escuridão – e silêncio.” (Ibid., p. 21). E resalta o que os psicanalistas não sublinham com a necessária ênfase : “A repressão da sexualidade nos impede de perceber qualquer relação – essência de toda alienação.” (Ibid., p. 21). Diante do contraste entre as falas intermináveis dos homens a respeito de sua competência sexual e seu desempenho paupérrimo, no dizer das estatísticas, das mulheres e dos filmes e revistas pornográficas – sempre iguais e sempre as mesmas –, Gaiarsa conclui que não existem mulheres frias; mas homens assustados, quase sempre desincumbindo-se como se estivessem com pressa, como se a polícia – ou a mamãe – pudesse aparecer a qualquer momento, além de sentir que “em volta da cama, estão todos aqueles ‘amigos’ – serão amigos? – do bar, verificando atenta e cuidadosamente se o que ele disse – se o que ele vive dizendo – é de fato verdade.” (Ibid., p. 24).

E acrescenta:

O homem nem goza nem se sente feliz. Ele tem que provar ao Conselho dos Machões que ele é capaz, que o pinto fica duro, que ele consegue penetrar e acabar – uff! Graças a Deus que eu consegui! Viram só que maravilha? (Ibid., p. 24).

Evocando Reich, Gaiarsa reitera a opinião de que as relações sexuais usuais parecem – portanto – meio desesperadas, muito ansiosas, apressadas e agressivas. A partir de tal constatação, torna-se inevitável considerar o despreparo, a suspeita, o medo implícito e a péssima aceitação pública da atividade sexual.

Seguindo essa linha de raciocínio, fica explícito como, desde sempre, os homens têm dado os melhores nomes e pretextos para suas piores ações:

Em todas as empresas de assalto, estupro, roubo ou opressão – falo das guerras militares ou econômicas – a bandeira dos dois lados sempre foi “Pelo amor de Deus, da Pátria Amada, da Santa Família e em nome dos nossos Gloriosos Ancestrais e Tradições. [...] Somos todos muito cínicos – e tudo indica que vamos acabar como merecemos – glorificados e espiritualizados pelo fogo nuclear. (Ibid., p. 26).

Todo o tempo, o terapeuta esforça-se para evidenciar que a doença chamada negação sexual não só mata muitos como pode acabar com a humanidade:

É o problema do Prazer ou Poder.

Para ter controle sobre as pessoas, é preciso ter controle sobre si mesmo. Mas se eu me controlo, dificilmente sentirei prazer. O prazer – alimentar, erótico, sexual, o prazer de evacuar ou urinar, ou dormir; para sentir estes prazeres é preciso deixar-se tomar por eles. [...] Como somos obrigados a nos controlar muito mais do que o razoável desde que nascemos, somos muito mais inclinados a exercer vigilância e

controle sobre os próximos do que a participar, com eles, dos prazeres do contato – que são vitais. (Ibid., p. 31).

No livro *O que é o pênis*, os esforços para melhor contextualizar a abrangência patológica da negação sexual em nossa sociedade são evidentes. Associando a força da linguagem à operacionalização da ideologia, o autor denuncia

(...) a força das frases imbecis que todos repetem sem saber o que estão dizendo; frases, olhares, expressões de rosto (como são cruéis as faces maternas [garantindo toda a “proteção” da jovem contra o pinto] – e as de todos – quando representam a ideologia!) [...] Ser mãe é divino. Pena que trepar seja tão feio. E viva essa Humanidade de palhaços ridículos, sempre dispostos a matar todo aquele que ameaça *não levar a sério* a palhaçada. (Ibid., p. 36).

Do particular ao geral, Gaiarsa constrói sua argumentação explicitando uma trama de complexidades pouco percebidas cotidianamente. Necessitando enfatizar a dimensão criminosa que incide sobre a generalizada ignorância sexual, ele identifica dois grandes crimes da Humanidade:

(...) a irresponsabilidade reprodutora da espécie e sua incompetência e descaso por qualquer tipo de educação que mereça esse nome bonito. Resultado: um bilhão de crianças que jamais serão gente (o que talvez não seja grande perda), mas que jamais terão qualquer oportunidade de ser seja lá o que for. E quem é responsável imediato por essa calamidade crônica e cósmica?

Ele – o infame. Ele e sua fúria de penetração e ejaculação. O macho todo-poderoso a encher o mundo com seus descendentes, mas de todo ignorante e inconsciente deste fato monumental: haverá comida, espaço, oportunidade para tantos ratos e gafanhotos? (Ibid., p. 37).

Interessante é notar como um posicionamento crítico veiculado há mais de vinte anos atrás preserva contundência capaz de nos reconectar com o que nos aflige na contemporaneidade. A verve radical de Gaiarsa desafia a mesmice à qual temos nos submetido diariamente, não oferecendo apenas dados concretos sobre os quais novos argumentos possam ser fundamentados. Ela se impõe como referência exemplar de coragem no enfrentamento de problemas que ainda acompanharão, por tempo indeterminado, a Humanidade em seu interminável processo de aprimoramento: “Um homem – e cada homem precisa de muitas e muitas coisas, situações e pessoas para se fazer homem.” (Ibid., p. 37).

No caso específico da negação sexual, assunto que nos interessa diretamente, o terapeuta enfatiza, em inúmeras passagens, a castração, constatando a força que o

psicológico (ou social, ou o preconceito) tem para “causar a atrofia até de músculos poderosos e importantes”. (Ibid., p. 39, grifo nosso).

Confirmando sua teoria da castração, Gaiarsa (Ibid., p. 52, grifo nosso) pergunta:

“(...) que filho ousa ter (ou mostrar) o pinto para sua mãe? Qual a filha capaz de sentir que tem xoxota frente ao pai? Qual pai ousa ter pinto frente à filha? [...] Todos estes fatos apontam na mesma direção: o controle social mais do que autoritário da sexualidade. É tão marcante este fato, que alguns psicanalistas começam a defender a hipótese de que repressão sexual em nossa espécie já se tornou genética. Ai do pinto!”



LÉO RUAS

Sob este ponto de vista, começa a ficar mais claro que tipo de ideologia teria determinado o apagamento digital apresentado pela Rede Globo no documentário envolvendo índios da cultura Kamaiurá. Neste sentido, Gaiarsa nos ajuda a relacionar a interdição da nudez masculina com o veto social do “pinto”, constatando que, “PUBLICAMENTE, é proibido ter pinto (...)” (Ibid., p. 53, grifo nosso).

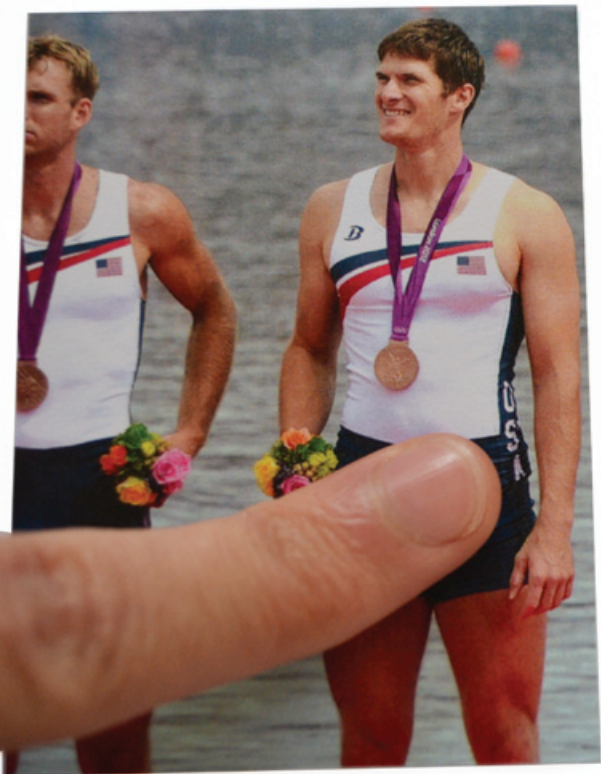
Como se faz a gradual – muito gradual – retirada do pinto autêntico, já vimos. A cirurgiã responsável é a mãe (de cada um), auxiliada, porém, por uma pequena multidão de asseclas e cúmplices, vovós, sogras, tios. O auxiliar direto é o Pai – que leva a fama. Depois a imprensa, o cinema, a TV, os amigos de casa, os colegas. Para todos eles, em público, suruba é feio, mas castração coletiva e recíproca é ótimo. (Ibid., p. 54-55).

Municiada por fundamentos psicanalíticos, a obstinação de Gaiarsa em trazer à luz verdades encobertas pelo comodismo autoritário no trato social opera aqui como dispositivo que expande consciências. Nele, deve ser reconhecida a fala de um intelectual solidamente embasado, terapeuta experiente e, sobretudo, homem interessado em esmiuçar o tabu que impede seus semelhantes de sentir o verdadeiro prazer.

Para Gaiarsa (Ibid., p. 75),

o segredo do muito prazer – ou do bom prazer está na variação, como todo mundo sabe. Também o machão – ou ele mais do que ninguém – ‘sabe’ que o prazer maior está na variação. Como lhe falta de toda consciência, imaginação e sensibilidade, ele muda o mais que pode *de parceira*. Mas com todas elas faz *do mesmo modo*. Bem parecido com o indivíduo voraz, que come qualquer coisa de modo tão impróprio que não sente sabor de nada.





E como terapeuta, diagnóstica:

A essência da *sensação* de segurança, de confiança e de certeza provém toda, e provém somente da REPETIÇÃO. Só o que se repete afasta todo o medo de se arriscar – da surpresa – do inesperado.

O inesperado – tão temido e tão desejado – porque só ele desperta o cérebro todo. A rotina vai apagando toda a percepção e toda a emoção. A vida fica segura – e morta. (Ibid., p. 74).

Até que ponto não estaria a nossa sociedade contemporânea investindo excessivamente na segurança como forma de mortificação coletiva e social? Que estranha certeza é esta que substitui o fluxo vital pela liquidez digital onipresente? Dos corpos pulsantes aos corpos moldados pelos invasivos mecanismos de repetição, observa-se a consolidação de ideologias que, apropriando-se dos meios de comunicação, concordam pelo menos em um ponto: a oportuna docilização dos corpos (corações e mentes) se faz urgente, através de sua mortificação. Aqui, mais uma vez, o apagamento digital dos corpos Kamaiurá nos serve como excelente exemplo.

Comprovação melancólica

Em 2005, eu e o artista Marco Paulo Rolla fomos convidados a ministrar uma oficina de performance para estudantes de arte da cidade de São Paulo. Inserida na programação do 15º Festival Internacional de Arte Eletrônica Videobrasil (2005), a oficina transcorreu ao longo do mês de setembro, nos possibilitando a autonomia necessária para priorizar o corpo em detrimento do discurso sobre o corpo.

Essa atitude foi conscientemente assumida por nós, propositores da oficina, na medida em que desejávamos nos afastar do lixo midiático que amortece questões pungentes do corpo. Naquele momento, tínhamos igualmente a consciência de que, tratada de forma mais direta, a corporeidade nua e crua provocaria confrontações inevitáveis com os corpos já habituados ao confortável distanciamento digital.

Para tanto, elaboramos a apresentação de nós mesmos aos participantes, fazendo a releitura de uma conhecida performance de Marina Abramovic e Ulay: *Imponderabilia* (Rico, 1998). Mesmo antes de ter qualquer contato com os inscritos na oficina, nos colocamos nus, um de frente para o outro, diante da porta de entrada do espaço onde os trabalhos iriam ocorrer. E convidamos as pessoas a entrar.

Um a um, os participantes prosseguiram, sem muita escolha. E, buscando posições que muitas vezes traduziam incômodo, passaram pelo “portal” oferecido por nós. Consideramos ser esse um momento crucial, o do primeiro contato, para a conscientização da questão a ser tratada ao longo de todo o percurso, ou seja, o corpo.

Ativados pela primeira experiência que reconduzira, de modo efetivo, a atenção para a corporeidade, iniciamos os trabalhos pontuados por exibições de vídeos, pela leitura de textos e, sobretudo, pela vivência de exercícios práticos. Em certo momento, refletindo sobre a qualidade da concentração necessária ao *performer* e sobre a condição de submissão¹ contida em uma performance, Marco Paulo propôs certo exercício, deflagrando uma constatação surpreendente.

Foi feito um convite para que todos se despiassem, inclusive nós, os propositores. Dentro do espaço de trabalho fechado, sem a presença de nenhuma pessoa estranha ao grupo, nos submetíamos a um comando que consistia em, olhando sempre para os olhos daquele que cruzasse a nossa frente, andarmos

1 • Segundo depoimento informal, Marco Paulo Rolla indica a submissão como condição fundante de um trabalho performático. Neste sentido, interessa a vivência da submissão enquanto exercício, procurando-se atingir certos estados de consciência e de presença em ações performáticas.

em velocidades inesperadamente alternadas, do mais lento ao mais rápido, evitando qualquer outro contato que não fosse o visual.

Como somente quem participasse do exercício permaneceria no ambiente, protestos imediatamente ocorreram. Duas moças tomaram a palavra, justificando o seu desacordo em se despir. Após argumentarmos que se tratava de uma ação que não comportava observadores, mas somente participantes, os discordantes deixaram a sala. Dos cinco rapazes presentes na oficina, nenhum permaneceu. Fizemos o exercício com as moças que aceitaram a vivência.

Diante do ocorrido, configurou-se para nós uma realidade que suscitou muita reflexão. O que teria impedido os rapazes de participar? A desistência em massa dos homens do grupo passou a ser tratada como indicativo de uma problemática que se associa diretamente à negação sexual deflagrada por Gaiarsa.

Melancólica foi a constatação do quanto a interdição da nudez masculina age como veto social do “pinto”, arraigada que está a corpos e mentes tão jovens. Muitos argumentos podem ser evocados, todos relacionados a receios abissais, determinantes da realidade masculina: receio do seu pinto ser muito menor ou muito maior do que o dos outros; receio de uma incontrolável ereção acontecer; receio mesmo de um tipo de contato corporal que fuja à mesmice da educação machista tão difundida no nosso meio; de um contato corporal que, de algum modo, resgate o lugar do “pinto autêntico”, daquele que se legitima na variação; receio, enfim, conforme dito anteriormente, do “tão temido e tão desejado – porque só ele desperta o cérebro todo”. (Ibid., p. 75).

Coletiva e recíproca, a evidente castração nos calou fundo pela delicadeza de suas implicações. E mais uma vez, as palavras de Gaiarsa nos respaldam na busca de maior clareza, quando ele afirma que “o pinto é o maior orgulho do homem porque é a parte mais dóida de seu corpo. Depois de tão maltratado, ele se faz sensível e se sente vulnerável demais.” (Ibid., p. 90).

Em um ambiente protegido, previamente determinado para trabalhos com a corporeidade como possibilidade artística, todos os participantes masculinos preferiram excluir-se, colocando-se diante de um impasse que certamente confirma a constatação já feita pelo terapeuta Gaiarsa, segundo a qual é publicamente proibido ter pinto.